

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS
(DOUTORADO)**

Instituto de Letras e Artes

- Lingüística Aplicada
- Teoria da Literatura
- * Recredenciado pelo Parecer nº 639/93 do C.F.E.
de 07/10/93
- * Conceito CAPES: A

Informações: PG. LETRAS - Fone/FAX: (051) 320.36.76

Trabalhos apresentados

A aquisição da estrutura silábica

Raquel Santana Santos – UNICAMP

São vários os trabalhos sobre a estrutura silábica em Português Brasileiro (daqui em diante, PB); no entanto, não temos notícia de nenhum trabalho que procure traçar um panorama longitudinal e dar possíveis explicações de como esta estrutura é adquirida pela criança. O intuito de nosso trabalho, portanto, é traçar um panorama longitudinal, a partir de dados de aquisição da linguagem de três crianças (R., T. e G.), de como se dá a aquisição das diversas estruturas silábicas do PB, e comparar nossos resultados com os propostos por Fikkert (1997) para o Português Europeu (daqui em diante PE) e o Holandês.

1

A proposta de estrutura silábica de Bisol (1989)

Bisol (1989) propõe que a estrutura hierárquica subjacente o mais complexa possível de uma sílaba em PB é CCVVC (C = consoantes; V = vogais). Segundo a autora, a estrutura silábica seria organizada hierarquicamente em diversos "tiers": sílaba, rima, prosódico e melódico. Nem todos os segmentos vocálicos estariam associados ao "tier" da sílaba ou da rima, mas alguns seriam associados ao "tier" prosódico (p. ex. o S-plural) ou ao "tier" melódico (p. ex. glides de ditongos leves). No entanto, a autora não resolve problemas como as primeiras sílabas de "perspectiva" e "solstício". Giegerich (1985) propõe que as líquidas poderiam preencher um núcleo ramificado. Poderíamos então propor para o PB que as lí-

quidas que seguem uma V nuclear preencheriam a posição de núcleo, formando uma estrutura de núcleo ramificado.

Esta possibilidade é interessante por duas razões. A primeira são as características desses segmentos vocálicos. As líquidas estão entre as Cs mais parecidas com as Vs (caracterizadas pelo traço [+vocálico]). A segunda razão é que, admitindo-se que as líquidas podem preencher o núcleo, explicamos os casos de "pers-" e "sols-" sem alterarmos a estrutura silábica proposta. Por outro lado, nos casos em que as líquidas precedem a V nuclear seguida de glide, adotamos a análise de Bisol para os ditongos crescentes de que os glides formam parte do onset ramificado; propondo que as líquidas têm um comportamento similar aos glides na estrutura silábica, preenchendo um onset ramificado.

No que respeita aos ditongos em PB, a autora propõe que eles podem ser pesados ou leves. Os ditongos pesados ocupam duas posições no "tier" da rima, formam uma sílaba complexa e tendem a ser preservados. Os ditongos leves ocupam apenas uma posição no "tier" da rima, são criados no tier melódico por processo assimilatório e tendem a ser perdidos. Tenani (1995) reinterpreta os ditongos de Bisol sugerindo que os ditongos leves são aqueles que de rima ramificada, e os ditongos pesados são os de núcleo ramificado. Assim, ambos têm uma posição na estrutura silábica, ao contrário de Bisol, para quem o glide dos ditongos leves estaria adjungido ao "tier" melódico, e poderiam ocupar uma posição na estrutura quando o segmento vocálico seguinte pertencente à mesma sílaba (em geral uma nasal) se "desprendesse" do "tier" da rima. A hipótese de Bisol permite que determinados segmentos pudessem ser alçados na hierarquia silábica, o que tornaria o processo de aquisição mais complexo. A interpretação de Tenani nos parece interessante na medida que os segmentos vocálicos preenchem posições fixas na estrutura silábica. Procuraremos observar se o processo de aquisição silábica parte da forma mais básica e vai se tornando mais complexa (num processo "top-down"), como sugerem os dados de Fikkert (1997). Essa forma de aquisição seria corroborada se encontrássemos primeiro ditongos leves (que ramificam a Rima) e depois ditongos pesados (mais internos na estrutura, pois ramificam o núcleo) ou se um determinado tipo de ditongo fosse analisado como outro.

2

A aquisição

Em nosso trabalho diferenciamos-nos um pouco da abordagem de Fikkert (1994) para com os dados. A autora não considera o segmento nasal em posição final de sílaba como preenchedor de uma posição na estrutura da sílaba; porém, uma vez que em PB as Vs [α anteriores] [β posteriores] seguidas de Nasal sofrem processo de ditongação, e o resultado desse processo – os glides – podem ser encontrados num período bem inicial na fala das crianças, consideraremos os segmentos nasais em posição final de sílaba como preenchendo a posição de coda. Outra diferença foi que, enquanto que Fikkert só considerava para sua análise as sílabas acentuadas, nós consideramos em nosso trabalho também as sílabas não-acentuadas, exceto quando tratava-se unicamente de Vs em início de palavras, que poderiam ser preenchedores rítmico-entonacionais (Scarpa, 1995). As Vs, quando sozinhas, só passaram a ser consideradas como uma forma de estrutura silábica quando sistematicamente apareceram em posições acentuadas em palavras reconhecidas pelo interlocutor.

Em nossos dados, pudemos observar o seguinte desenvolvimento em nossos três sujeitos: R. foi analisada no período de 1;2 a 1;11 anos. Num primeiro estágio (de 1;2 a 1;4) encontramos estruturas V, CV (algumas estruturas 'VV foram encontradas, mas em casos esporádicos [au], de forma que não foram considerados como estruturas silábicas nesse período). A partir de 1;5 a 1;8, R. começa a produzir sistematicamente, ao lado das estruturas já adquiridas, estruturas do tipo CVC e C'VV. Por fim, num período de 1;9 a 1;11, encontramos estruturas do tipo C'VVC e VC.

Os dados analisados de G. cobrem o período de 1;2 a 2;0 anos. Seu desenvolvimento é bem diferente de R.. Aos 1;2 anos encontramos estruturas CV, V, C'VV e, esporadicamente até a última sessão por nós observada, CVC. Na idade de 1;11 anos encontramos estruturas do tipo C'VVC. O fato de encontrarmos em G. estruturas mais complexas tão no início do processo de aquisição levou-nos a observar um terceiro sujeito em um momento bem mais anterior, quando ainda encontrava-se no período do balbucio. T. foi analisado do período de 0;11 a 3;0 anos. De 0;11 a 1;1 a produção de nosso sujeito é toda de balbucio. De 1;2 a 1;4 anos, a maior parte das produções ainda é de balbucio, mas já é possível encontrarmos algumas "palavras" (consideramos como "palavras" as seqüências que sistematicamente referiam-se a um dado objeto ou situação) cujas estruturas silábicas são do tipo CV e V. De 1;3 a 1;8,

passamos a encontrar também as estruturas CVC e C'VV. A partir de 1;9 anos as estruturas V'V e C'VVC já fazem parte das possibilidades de estruturas silábicas de T. Por fim, com 2;2, encontramos sistematicamente produções do tipo VC. Estruturas do tipo CCV podem ser encontradas a partir de 2;5 anos.

Podemos esquematizar o processo de aquisição de nossos sujeitos da seguinte forma:

R.	V	CV	/	CVC	C'VV	/	C'VVC	VC
G.	V	CV	CVC	C'VV	/	C'VVC		
T.	V	CV	/	CVC	C'VV	/	V'V	C'VVC / VC / CCVC

O primeiro fato que se nota é que G. provavelmente passou por um estágio inicial em que só produzia sílabas V e CV num período anterior aos outros sujeitos. Esses estágios, tal como argumenta Fikkert (1994), não se estabelecem conforme a idade das crianças, mas com os tipos de estruturas que ocorrem. Apesar de as idades das crianças não coincidirem para cada estágio, a sequência de aquisição das diversas estruturas silábicas é a mesma.

Porém, nossos dados não corroboram os resultados de Fikkert para o PE, o que pode ser um indicio das diferenças entre PB e PE. Segundo a autora, tanto em Holandês quanto em Português haveria um primeiro estágio em que as sílabas seriam apenas CV; num segundo estágio, seriam produzidas as sílabas travadas CVC; e num último estágio ocorreria a produção de sílabas com núcleo ramificado VV. A autora não discute se essas estruturas VV são sempre de Núcleo ramificado ou podem ser de Rima ramificada (como propõe Bisol). Em PB, observamos que ambas as estruturas são adquiridas num mesmo estágio.

Observando-se os dados de nossas crianças, notamos que muitas das sílabas constituídas por VV pertenciam a palavras que tinham nestas mesmas sílabas VCnas., mas que sofreram um processo de ditongação.

Tendo como corpora a gravação de duas missas, uma em PB e outra em PE, observamos as seqüências de V+Cnas. Em PE as Vs seguidas de C nasal só passam por um processo de ditongação quando em final de palavra; de outra forma, sofrem um processo de redução, mas não ditongam. O PB, por sua vez, não tem nenhuma restrição na ditongação; todas as Vs [α anterior] [β posterior] seguidas de nasal passam por um processo de ditongação transformando-se numa seqüência de V mais glide. Dessa forma, a criança que adquire o PB está muito mais exposta a estruturas silábicas do tipo VV do que as crianças expostas ao PE. Isto não necessariamente significa que essas seqüências sejam todas de Núcleo

ramificado. A grande exposição a seqüências VV em PB torna este tipo de estrutura mais saliente, o que pode provocar uma reestruturação da estrutura silábica em um período mais inicial no processo de aquisição fonológica do que ocorre em PE.

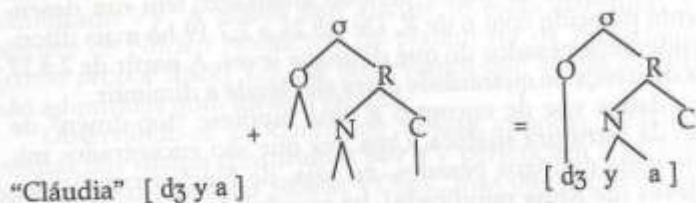
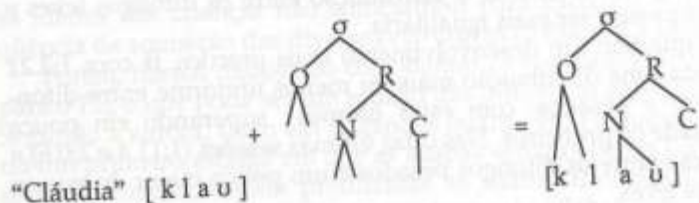
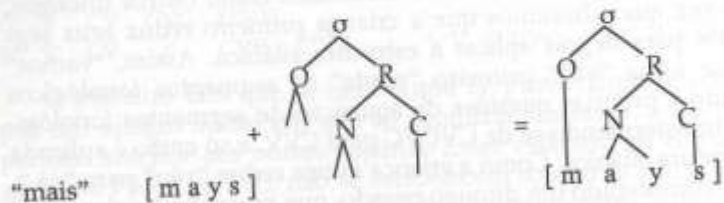
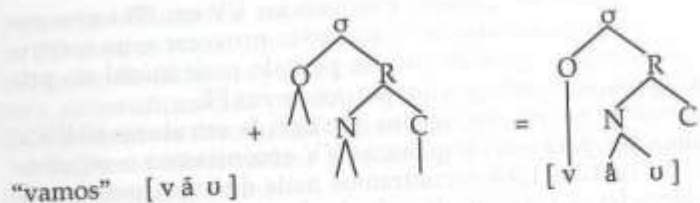
Observando em nossos sujeitos que tipo de estruturas silábicas poderíamos ter para suas seqüências VV encontramos o seguinte: Para R., de 1;4.12 a 1;9.8 encontramos mais ditongos pesados do que ditongos leves. Os casos de redução de várias sílabas para uma única com ditongo estão sendo analisados como outros ditongos, uma vez que admitimos que a criança primeiro reduz seus segmentos para depois aplicar a estrutura silábica. Assim, "vamos" que se torna "vão" primeiro "perde" os segmentos fonológicos (devido a próprias questões de aquisição de segmentos fonológicos), transformando-se de CVCVC para CVV, e só então é aplicada a estrutura silábica. Como a criança nunca reduz "vão" para "vã", este é considerado um ditongo pesado, que preenche Núcleo ramificado. A partir de 1;10.0, a distribuição entre os ditongos leves e pesados passa a ser mais igualitária.

G., que tem um desenvolvimento mais precoce, já com 1;2.21 apresenta uma distribuição mais ou menos uniforme entre ditongos leves e pesados, com estes últimos superando em pouca quantidade os primeiros. Nas duas últimas sessões (1;11.4 e 2;0.6) a proporção entre os ditongos pesados é um pouco maior do que os ditongos leves.

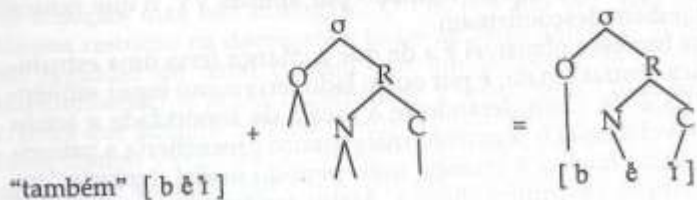
T., nosso sujeito de maior período analisado, tem um desenvolvimento parecido com o de R. De 1;5.21 a 2;7.19 há mais ditongos considerados pesados do que ditongos leves. A partir de 2;8.17 a 3;0.5, a diferença de quantidade entre eles tende a diminuir.

Esses dados vão de encontro a uma hipótese "top-down" de aquisição da estrutura silábica. Uma vez que são encontrados inicialmente mais ditongos pesados, ou seja, de Núcleo ramificado, do que leves (de Rima ramificada), há possibilidade de uma aquisição que vá "descendo" a estrutura parece mais distante. Por outro lado, nada evidencia que pudesse estar ocorrendo um processo contrário (isto é, "bottom-up") de aquisição. Para que isto fosse possível, teríamos que assumir que o primeiro tipo de estrutura silábica adquirida é aquele formado por apenas VV, o que nossos dados também desconfirmam.

Uma hipótese plausível é a de que a criança teria uma estrutura silábica abstrata inata; e por outro lado teria como input seqüências de Cs e Vs. Considerando-se a escala de sonoridade e tendo como universal que o segmento mais sonoro preencheria a primeira posição do núcleo, a criança, num período inicial, tentaria "encaixar" o input à estrutura silábica. Assim, teríamos:



Posteriormente, percebendo que certos ditongos ora são realizados, ora não o são, a criança reanalisaria esses dados, distribuindo os segmentos pós-nucleares em Núcleo ou Coda, conforme pudessem ou não ser omitidos:



Esta hipótese dá conta de nossos dados; no entanto, não explica porque encontramos mais realizações de ditongos pesados do que ditongos leves no período em que os ditongos começam a aparecer. Pode ser apenas uma questão de escolha lexical da criança que nada tenha a ver com o tipo de ditongo envolvido; porém, é um dado que merece ser pesquisado.

Observando os dados de nosso terceiro sujeito, T., chama-nos atenção também a aquisição de estruturas com onset ramificado. Como foi possível observar em nossos dados, as estruturas com onset ramificado são adquiridas posteriormente às de rima/núcleo ramificado. Não podemos nos esquecer que durante o processo de aquisição da linguagem a criança está trabalhando, ao mesmo tempo, com questões semânticas, sintáticas e fonológicas. No que se refere à fonologia, não há nada que advogue a favor de um primitivismo na aquisição silábica, segmental, prosódica. A criança, enquanto adquire as estruturas silábicas, ainda está trabalhando como seu sistema fonológico, e ao lado destes também está lidando com questões como acento e entonação. O fato de a rima, mas não o onset, ser considerado na definição de sílabas pesadas ou leves "obriga" a criança a trabalhar com esse constituinte silábico mais inicialmente, mesmo porque outras questões prosódicas (p. ex. ser a língua sensível ou não à quantidade silábica) necessitam dos resultados das decisões das crianças sobre essa questão para serem analisados. No que respeita à aquisição de estruturas de núcleo ramificado antes do onset, devemos ter em mente que é no núcleo que se encontra o acento silábico. Assim, no processo de aquisição da estrutura silábica, podemos dizer que a criança opta por aquilo que lhe é mais necessário no desenvolvimento de outras questões, "protelando" a análise de questões que não terão conseqüências em outros processos.

3

Conclusões

De acordo com nossas observações, a aquisição da estrutura silábica em PB não segue a mesma ordem que em PE. A proposta de Fikkert possibilita uma visão "top-down" do processo de aquisição em PE, mas se assumimos a proposta de Bisol de diferentes tipos de ditongos, essa visão não se confirma para o PB. No entanto, tal fato não significa que PB e PE sofram diferentes processos. Somente a análise do PE nos permitiria observar se nessa lín-

gua temos dois tipos de ditongo ou apenas um. Nossas observações atestaram que o processo que cria ditongos leves em PB também é encontrado em PE; no entanto, nada nos permite afirmar que eles tenham o mesmo "status", ou que não possam ser considerados todos os ditongos como de um mesmo tipo.

Uma primeira conclusão desse trabalho é a negativa: não é possível afirmarmos que o processo de aquisição de estrutura silábica em PB seja considerada "top-down" ou "bottom-up". Também propomos uma hipótese que difere da hipótese de Fikkert na medida que esta autora propõe uma estrutura silábica mais simples, em que Cs associam-se a Onsets e Codas, e Vs associam-se a Núcleos. Tal proposta aproxima-se muito mais de uma aquisição de possíveis estruturas constituídas de Cs e Vs do que uma proposta que leve em conta a hierarquia da estrutura silábica. Neste sentido, nossa hipótese procura dar um papel maior à estrutura silábica subjacente quando do trabalho da criança com os dados do input.

Por fim, nossos dados parecem corroborar a hipótese de que o Onset ramificado é um dos últimos constituintes da estrutura silábica a ser trabalhado, visto que é considerado inerte para o trabalho de outros processos fonológicos (p. ex. acentuação). Assim, a necessidade faria com que os primeiros níveis adquiridos fossem os que tivessem alguma relevância para outros processos fonológicos.

Referências bibliográficas

- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. In: *Delta*, v. 5, n. 2, 1989.
- FIKKERT, P. *On the acquisition of prosodic structure*. Dordrecht: ICG Printing, 1994.
- FIKKERT, P. Acquisition of syllable structure constraints: evidence from Dutch and Portuguese. Comunicação apresentada no GALA - Edinburg, 1997.
- GIEGERICH, H. J. *Metrical phonology and phonological structure: German and English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- SCARPA, E. M. Organizações rítmicas da fala inicial. In: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOL*. Caxambu, MG, 1995.
- TENANI, L. E. A importância do peso silábico na descrição de processos fonológicos. In: *Anais de Seminários do GEL XXIV*. São Paulo, 1995.